

11-03-2021

Taiguara

Consuello Del Pratto Dias Leite

[Assistente social. Musicoterapeuta]

Uma coisa que revelei para poucos é a razão do porquê eu, uma assistente social, resolvi fazer uma pós-graduação em musicoterapia e disso fiz a minha principal missão durante minha passagem na Terra.

Embora eu não seja fanática ou fundamentalista, sou devota. Mais a Deus do que às religiões que se utilizam de seu nome. E, no mais das vezes, de forma indevida.

Também não gosto de tatuagens. Gosto dos corpos pintados de todas as etnias indígenas de nossa terra.

Principalmente porque, em geral, elas são feitas para as celebrações de cada momento de suas vidas.

Assim como nós, não índios, o fazemos nas maquiagens das grandes festas, como no Carnaval e festas juninas, principalmente aqui no Nordeste. Ou em menor escala, no dia a dia das pequeninas celebrações cotidianas.

Mas, mesmo sendo avessa a *tatoos*, tenho uma pequenina tatuagem, bem escondidinha. Pouquíssimos tiveram a oportunidade de vê-la. Há alguns anos namorei um tatuador. Pessoa adorável e insistente. Insistente para me tatuar, entre tantas outras insistências. Inclusive algumas que me fizeram escolher outros caminhos.

Entretanto, durante nosso encontro, acabei aqui escendo, mais pela razão de minha missão do que por ele.

Vou revelar. Ao lado de meu seio esquerdo tem uma pequenina inscrição em vermelho: *Taiguara*.

Após mais de um ano nesse espaço, em que me sinto entre pares, considero-o um território de confiança.

Foi por Taiguara que resolvi fazer musicoterapia.

Como assistente social, supervisionando escolas em áreas periféricas e, na maior parte das vezes, rurais, eu acompanhava as crianças em suas cantorias brincantes nas rodas dos recreios e nas festas. Taiguara com sua música *Que as crianças cantem livres* não me saía da cabeça. Eu que já era uma musicóloga amadora e conhecia Taiguara da televisão e dos discos lá de casa comecei a ver e ouvir uma palavra martelando nos meus olhos, nos meus ouvidos, na minha cabeça: *o amanhecer*.

O problema: Taiguara, que nos deixou aos 50 anos, em 1996, era comunista, convicto e apaixonado. É muito radical, eu pensava. E eu, devota a Deus. Como fazer para conciliar? Conciliei - pelas crianças -: que as crianças cantem livres! Assim comecei a musicoterapia e assim me tatuei definitivamente. Taiguara está sempre comigo. Aceitei-o em meu corpo por saber que jamais me arrependeria. E, de fato, jamais me arrependi.

Agora, nesses tempos sombrios ele me dá força.

Sempre com triplo sentido: que as crianças cantem livres; que eu possa cumprir minha missão, com Deus me acompanhando em minhas peregrinações; e com ele tatuado no meu peito do lado esquerdo. Meu sonho é um dia poder cantar as músicas de Taiguara para minhas crianças. Suas músicas - eu pouco mais do que uma menina - encantavam-me! E eu nem sabia (ainda) o que muitas delas significavam. Como, por exemplo *Hoje*, de 1969, uma de suas obras-primas, que hoje vejo como um dos mais lindos hinos de amor à LIBERDADE. Ou em *Universo no teu corpo*, de 1970, em que ninguém me tira da cabeça, em plena ditadura sangrenta, que o universo do teu corpo era a LIBERDADE. Ou em *Viagem*, de 1971, em que ele transforma a LIBERDADE num corpo de mulher-amante que o faz acreditar que amanheceu.

Ou em *Teu sonho não acabou*, de 1981, em que ele conclama (de forma sutil) que precisa do povo para continuar sonhando com LIBERDADE. Ou em *Geração 70*, também de 1971, em que a palavra LIBERDADE está dissolvida nas lutas por direitos humanos, hoje de nós subtraídos. Ou em *Anita*, de 1983, homenagem a Anita Leocádia Prestes, filha de Luís Carlos Prestes, com uma citação implícita a Che Guevara. Ou na declaração de amor explícita a Luís Carlos Prestes, de 1994, em *O cavaleiro da esperança*. Esta foi a música em que a minha ficha caiu. Caiu em meu peito esquerdo. Sigo devota a Deus e a Taiguara. são compatíveis ... cada vez mais.

Que as crianças cantem livres

O tempo passa e atravessa as avenidas

E o fruto cresce, pesa e enverga o velho pé

E o vento forte quebra as telhas e vidraças

E o livro sábio deixa em branco o que não é

Pode não ser essa mulher o que te falta

Pode não ser esse calor o que faz mal

Pode não ser essa gravata o que sufoca

Ou essa falta de dinheiro que é fatal

Vê como um fogo brando funde um ferro duro

Vê como o asfalto é teu jardim se você crê

Que há sol nascente avermelhando o céu escuro

Chamando os homens pro seu tempo de viver

E que as crianças cantem livres sobre os muros

E ensinem sonho ao que não pode amar sem dor

E que o passado abra os presentes pro futuro

Que não dormiu e preparou o amanhecer...

o amanhecer... o amanhecer... o amanhecer...

o amanhecer... o amanhecer... o amanhecer...

o amanhecer... o amanhecer...

Orgulho em tê-lo comigo.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.